

ANGELA MARIA CARNEIRO ARAUJO FRANCISCO CARLOS  
PALOMANES MARTINHO CESAR CALDEIRA LIGIA MARIA  
OSORIO SILVA SELENE C. HERCULANO ROBERTO GRÜN  
CARLOS S. ARTURI ANA CLARA TORRES RIBEIRO  
FERNANDA SANCHEZ GARCIA MARTA ROSA AMOROSO  
FLÁVIO DOS SANTOS GOMES IARA MARIA DE ALMEIDA  
SOUZA MÍRIAM CRISTINA RABELO PEDRO R. BODÊ DE  
MORAES LETÍCIA C. R. VIANNA

# POLÍTICA E CULTURA

visões do passado e  
perspectivas contemporâneas

ELISA REIS

MARIA HERMÍNIA TAVARES DE ALMEIDA

PETER FRY

*organizadores*

HUCITEC - ANPOCS

ISBN 85-271-0376-1



9 788527 103763

# CIÊNCIAS SOCIAIS HOJE

Anuário de Antropologia, Política e Sociologia

*Política e Cultura. Visões do Passado e Perspectivas Contemporâneas* traz à luz o que de mais interessante foi apresentado nos Grupos de Trabalho do XIX Encontro Anual da ANPOCS. Ao lado de temas *tradicionais* das ciências sociais como a análise do sindicalismo corporativo e populista, ou as relações entre cultura popular e cultura de massas, ou ainda o debate sobre transição para a consolidação da democracia, aparecem temas estreitamente ligados ao presente como as mudanças nas dimensões simbólicas relacionadas às novas estruturas do mercado de trabalho para a classe média alta ou os desafios postos às políticas e às instituições de segurança pública no contexto democrático.

Diversos nos temas e nas abordagens, os trabalhos são também obras de cientistas sociais de diferentes gerações, tanto jovens doutores como cientistas sociais de maior experiência com pesquisa.

Um volume que reflete um rico debate interdisciplinar.

ANPOCS  
EDITORA HUCITEC

1996

© Copyright 1996 by Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia HUCITEC Ltda. e Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

ISBN 85.271.0376-1

Foi feito o depósito legal.

Editoração eletrônica: Ouripedes Gallene.

Capa: Magali Oliveira Fernandes.

Ilustração da capa: "Baile de Negros", xilogravura de Lasar Segall, 1930.

## SUMÁRIO

- 7 Apresentação
- 9 As lideranças sindicais e a construção do sindicalismo corporativo nos anos 30  
Angela Maria Carneiro Araujo
- 30 O populismo sindical: um conceito em questão  
Francisco Carlos Palomares Martinho
- 50 Operação Rio e cidadania: as tensões entre o combate à criminalidade e a ordem jurídica  
Cesar Caldeira
- 75 O federalismo de Tavares Bastos e de Campos Sales: elementos para um ensaio comparativo  
Ligia Maria Osorio Silva
- 91 O campo do ecologismo no Brasil: o Fórum das ONGs  
Selene C. Herculano
- 127 O medo do desemprego e as mudanças no universo simbólico das classes médias brasileiras  
Roberto Grün
- 142 Transição política e consolidação da democracia: notas a partir da experiência brasileira  
Carlos S. Arturi
- 168 *City marketing*: a nova face da gestão da cidade no final do século  
Ana Clara Torres Ribeiro  
Fernanda Sánchez García
- 182 Capistrano de Abreu e os índios  
Marta Rosa Amoroso

Coordenação editorial: Guita Grin Debert.

ANPOCS

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais  
Av. Prof. Luciano Gualberto, 315, sala 116 Cidade Universitária  
05508-900 São Paulo, Brasil  
Telefone: (011)818-4664. Fac-símile: (011)818-5043

Editora HUCITEC Ltda.

Humanismo, Ciência e Tecnologia  
Rua Gil Eanes, 713  
04601-042 São Paulo, Brasil

Telefones: (011)240-9318 e 543-0653. Vendas: (011)530-4532. Fac-símile: (011)535-4187

6 SUMÁRIO

- 197 Ainda sobre os quilombos: repensando a construção de símbolos de identidade étnica no Brasil  
Flávio dos Santos Gomes
- 222 Imagens do eu em uma trajetória de enfermidade  
Iara Maria de Almeida Souza  
Míriam Cristina Rabelo
- 234 Monteiro Lobato e a constituição das editoras nacionais  
Pedro R. Bodê de Moraes
- 250 *Sambandito*: arte popular e cultura de massa  
Letícia C. R. Vianna
- 273 Sobre os autores
- 274 Artigos publicados em Ciências Sociais Hoje (1981-1994)
- 281 Diretorias da ANPOCS (1977-1996)

Capistrano de Abreu foi trazido ao Rio de Janeiro da província cearense pelas mãos de José de Alencar, que conheceu em Fortaleza em 1874. Chega à capital do Império com vinte e um anos, tendo na bagagem algumas poucas críticas literárias. É apresentado pelo amigo ilustre à imprensa carioca, conhece senadores, convive com Machado de Assis, com quem compartilha aulas de alemão. Trabalha como revisor na *Gazeta de Notícias*<sup>2</sup>.

A morte de José de Alencar em 1878 e no ano seguinte a do historiador Francisco Adolfo de Varnhagem, o Visconde de Porto Seguro, marcam o início da carreira jornalística do jovem cearense, com a publicação de dois necrológios memoráveis. Conta-se que a encomenda da homenagem final a José de Alencar havia sido dirigida a Machado de Assis, que rapidamente escrevera algumas linhas. Chegando à redação da *Gazeta*, Machado de Assis foi informado que o necrológio já havia sido escrito por um outro cearense, "... um Peri de paletó surrado", como descreveram o autor ainda desconhecido. Machado lê o texto de Capistrano de Abreu e imediatamente rasga o seu.

Em 1879 Capistrano de Abreu vence o concurso para funcionário da Biblioteca Nacional, a tempo de participar da elaboração do Catálogo da Exposição de História do Brasil. Inaugurada em 1881, a exposição foi um esforço inédito e ainda não superado de localização em arquivos europeus e nacionais de documentos históricos relativos ao Brasil. Este foi o início da carreira de historiador de Capistrano de Abreu, longe das academias, em contato com as fontes da história do Brasil. Um percurso intelectual bastante diferenciado do grupo de intelectuais ligados ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que reunia historiadores e literatos sob a proteção do governo imperial<sup>3</sup>.

Os primeiros debates de Capistrano de Abreu na imprensa carioca tematizaram, entre outras coisas, a idéia das raízes marcadamente populares do indianismo literário no Brasil, contra as concepções correntes no final do século XIX, mantidas posteriormente pela crítica literária<sup>4</sup>, de que o tema correspondera a exigências ditadas pelo modelo europeu de produção literária. Antônio Cândido<sup>5</sup> notou a importância dessa crítica de Capistrano de Abreu, e lastimou não ter o historiador desenvolvido suas idéias sobre as raízes populares do indianismo literário. Acredito que a leitura de sua obra historiográfica possa esclarecer esse ponto, já que o abandono precoce da análise literária faz Capistrano transferir para o campo da história suas reflexões sobre a cultura brasileira.

Entre 1881 e 1887 Capistrano de Abreu localiza, atribui a autoria e anota dezenas de manuscritos fundamentais para a história colonial do Brasil, reunidos na série documental denominada "Materiais e Achegas para a História e Geografia do Brasil"<sup>6</sup>. A investigação e descoberta dos manuscritos

## 9

### CAPISTRANO DE ABREU E OS ÍNDIOS

MARTA ROSA AMOROSO

#### O Último Romântico na Biblioteca Nacional

A trajetória intelectual de Capistrano de Abreu (1853-1927) começou onde a geração romântica que o antecedeu nas letras havia parado. Pensar a especificidade do Brasil em verso e prosa fora a divisa daquela geração. No final do século XIX, quando nosso autor entra em cena, a historiografia do Império estava engajada na construção da história da jovem nação brasileira. Capistrano enaltecia em Varnhagem exatamente o mérito de ter feito uma história do ponto de vista nacional:

"Já não é a concepção de Gandavo e Gabriel Soares, em que o Brasil é considerado simples apêndice de Portugal (...) Varnhagem atende somente ao Brasil, e no correr de sua obra procurou sempre e muitas vezes conseguiu colocar-se sob o ponto de vista nacional" (Capistrano de Abreu, 1931:138-9).

Ainda pensando no projeto nacionalista dos românticos é que podemos introduzir o segundo personagem de nossa reflexão: o índio brasileiro. Os românticos usaram e abusaram da imagem do selvagem tropical, e o indianismo foi um instrumento poderoso para firmarem as bases da literatura nacional<sup>1</sup>.

Para compreender o sentido do indianismo literário na obra historiográfica de Capistrano de Abreu devemos reconhecer a influência de dois autores, Gonçalves Dias e José de Alencar. Contrários de Capistrano de Abreu, os dois escritores constituíam figuras embleáticas de um programa muito particular de investigação histórica, com o qual o historiador se identifica e no qual falar do Brasil era também falar dos índios.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT "História Indígena e do Indigenismo".

tos seguia a pista segura de uma história do Brasil que vinha sendo gerada pelo jovem historiador. Em 1882 lança na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro os pontos principais de sua tese sobre a história do Brasil, no artigo "Sobre o Visconde de Porto Seguro". Capistrano de Abreu propunha um programa de trabalho ligado à história do povoamento do Brasil. Um olhar retrospectivo nos levaria necessariamente a elogiar o alcance da proposta, que consistia em retratar o Brasil do ponto de vista de sua gente, do período da formação até a proclamação da República, possibilitando o resgate das especificidades étnicas na composição nacional<sup>7</sup>. Algo muito deferenciado da história política feita da sucessão infundável dos governantes e mandatários, que caracteriza, com raras exceções, a historiografia que o antecede.

Na fase seguinte, entre 1888 e 1896, e mais tarde, a partir de 1908 — quando trabalha a língua Kaxinawá — Capistrano estudou as etnografias produzidas até a época, traduziu algumas delas e finalmente lançou-se na árdua tarefa de registrar línguas indígenas.

Entre 1900 e 1906, Capistrano de Abreu trabalhou a terceira edição anotada da *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen. O tarefa ocupa todo o tempo do historiador, e a obra de Varnhagen é praticamente reescrita em notas de Capistrano, que para tanto vasculhou novamente arquivos nacionais e estrangeiros em busca de explicações.

O texto monumental do Visconde de Porto Seguro fornecendo o esboço da história do Brasil, o domínio das fontes históricas e por fim a familiaridade com a psicologia, a economia política, as técnicas da etnografia e da lingüística no conhecimento dos povos indígenas; estes serão os ingredientes da obra historiográfica madura de Capistrano: *Capítulos de História Colonial* e *Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil*<sup>8</sup>. Importante destacar o domínio da informação etnográfica sobre as sociedades primitivas, ao qual poderíamos acrescentar o fascínio pela sociologia — que em Capistrano de Abreu opera a revolução paradigmática do pensar a Colônia e o Império a partir da história do povoamento do Brasil, contemplando assim a sua multiplicidade étnica.

No citado necrológio de Varnhagen, Capistrano de Abreu afirma ser a sociologia responsável pela imensa separação que distancia as duas obras historiográficas. Separação esta que garante modernidade à obra de Capistrano. Falando de Varnhagen, dizia: "É pena que ignorasse ou desdenhasse o corpo de doutrinas criadoras que os últimos anos se constituíram em ciência sob o nome de sociologia. Sem esse facho luminoso, ele não podia ver o modo por que se elabora a vida social. Sem ele, as relações que ligam os momentos sucessivos da vida de um povo não podiam desenhar-se em seu espírito de modo a esclarecer as diferentes feições e fatores reciprocamente. Ele poderia escavar documentos, demonstrar-lhes a autenticidade, solver enigmas, desvendar mistérios, nada deixar que fazer a seus sucesso-

res no terreno dos fatos: compreender, porém, tais fatos em suas origens, em sua ligação com fatos mais amplos e radicais de que dimanam; generalizar as ações e formular-lhes teoria; representá-las como conseqüências e demonstração de duas ou três leis basilares, não conseguiu, nem conseguiu-las" (1931:139-40).

### Quando mesmo começa a História do Brasil?

A pergunta refere-se ao momento inaugural da nação brasileira, e os índios foram mais uma vez o pivô de um certo debate travado entre a historiografia nacional e a europeia, mais especificamente entre Varnhagen e o historiador francês D'Avezac (José Honório Rodrigues, 1982). Grande é a semelhança da polêmica historiográfica sobre as origens com as cobranças dirigidas pela crítica europeia aos autores ficcionais brasileiros do início do século. Da literatura, a crítica europeia cobrava os temas nativos, o que estimulou Gonçalves Dias a produzir seus primeiros versos indianistas. Da historiografia do Brasil, irão cobrar posições semelhantes: que a história do Brasil começasse com os índios, não com a chegada dos europeus. A partir da segunda edição da sua *História Geral*, Varnhagen acatará as recomendações de D'Avezac, inaugurando o campo que a historiografia destinará definitivamente às populações indígenas: um capítulo introdutório dedicado aos antecedentes indígenas, que funcionará também para o historiador como uma desobriga do assunto "índio". Capistrano não irá escapar da fórmula, e seus *Capítulos* iniciam com os "Antecedentes Indígenas". Mas em sua história estarão garantidos outros amplos territórios à população indígena.

Por trás das cobranças da crítica historiográfica europeia, o que estava em questão era o estatuto da história: os índios fazem parte da história do Brasil? José Honório Rodrigues (1982:33) diria mais tarde que não, concordando com o texto inicial de Varnhagen: os índios foram incorporados à história com a chegada dos portugueses, antes dos portugueses, os índios não se constituíram assunto da história. A questão ganhou sua real dimensão no final do século, quando a história colonial do Brasil foi interpretada por Capistrano de Abreu do ponto de vista da história de sua gente.

O contraste da obra de Varnhagen com a de Capistrano de Abreu tem sido quase uma obrigatoriedade, imposta em parte pelo próprio Capistrano, que utilizou a obra do Visconde de Porto Seguro como uma espécie de quadro esquemático dos fatos. Para a discussão da questão indígena, a comparação pode ser esclarecedora.

Tal contraste faz ressaltar diferenças significativas entre Varnhagen<sup>9</sup>, que segue o senso comum de sua época, e Capistrano, adepto de um programa teórico, para o qual convoca sua geração: "Que venha, e escreva uma história

da nossa pátria digna do século de Comte e Herbert Spencer. Inspirada pela teoria da evolução, mostre a unidade que ata os três séculos que vivemos (...) e libertemos do empirismo crasso em que tripudiamos" (1931:140).

O que dizia Varnhagen sobre os índios do Brasil? Interessante diálogo se travou entre os historiadores a respeito da população indígena, no qual Capistrano de Abreu confrontava as discutíveis verdades do historiador ditadas pelo senso comum marcadamente etnocêntrico com a nova etnografia alemã sobre as populações indígenas do Brasil Central (Karl von den Steinen e Paul Ehrenreich especialmente).

Notemos que a intenção inicial de Varnhagen de resolver a questão indígena em uma seção — "Dos Índios do Brasil em Geral" — se mostrou insustentável. A população indígena retorna de maneira insistente em outras partes da obra, escapando dos duros enquadramentos teóricos impostos pelo autor.

Na referida seção dedicada aos índios, o assunto recebeu de Varnhagen respostas objetivas: demografia, diversidade étnica, tecnologia, estágio de civilização, todas essas questões são devidamente respondidas. Inicialmente, Varnhagen apresenta o cálculo da população indígena e descreve sua ocupação territorial. Seu cálculo parte de duas constatações: considera que os colonos atravessavam quarenta a cinquenta léguas "sem encontrar gente". Toma, então, como parâmetro a progressão de crescimento das populações indígenas contemporâneas, sugerindo que "nem chegariam a um milhão os índios que percorriam na época este vasto território, hostilizando-se uns aos outros". Nota de Capistrano contrapõe o documento jesuíta aos cálculos imprecisos de Varnhagen para afirmar: "Naqueles primeiros vinte anos em que os nossos [jesuítas] entraram no Brasil, escreveu Fernão Gueireiro, havia junto do mar tão grande multidão de gente que dizia Tomé de Sousa que foi Governador naquelas partes, a El-Rei D. João III, ainda que as cortassem em açougue, nunca faltariam, e assim nos primeiros quarenta anos eram infinitos os que se convertiam e as igrejas eram muitas".

Sobre o tema da diversidade dos índios do Brasil, Varnhagen pretendia colocar um ponto final no "infundável palavrório" que o tema provocava. Os nomes que enchem catálogos, na verdade não passariam de alcunhas. Todos os povos não passariam de variações do mesmo tupi. A generalização ganha dimensões globais quando Varnhagen incluía os índios brasileiros na categoria de "bárbaros", que englobava também as nações européias antes de fazerem uso do bronze e do ferro. Usos e costumes semelhantes aproximariam índios do Brasil e bárbaros europeus. Os portugueses, portanto, teriam encontrado os índios no estado que não seria exatamente de civilização, mas sim de barbárie e atraso. E concluía Varnhagen: "de tais povos na infância não há história: há só etnografia. A infância física é sempre acompanhada de pequenez e de misérias" (Ibidem). Quanto às

idéias religiosas e à organização social dos Tupi, Varnhagen afirmava: "Podemos dizer que a única crença forte e radicada que tinham era a obrigação de se vingarem dos estranhos que ofendiam a qualquer um de sua alcatéia" (p. 42).

As notas de Capistrano — justificadas pela obrigação de atualizar as informações etnográficas — irão roendo o edifício aparentemente intocável erguido pelo Visconde de Porto Seguro: "A identidade dos tupi e caríbas não pode mais defender-se, depois dos trabalhos de Carlos Von den Steinen, Adam etc.". Outros simplismos serão rechaçados: a idéia de que a numeração fundamental utilizada pelos índios não passava de cinco, a qual Capistrano contrapõe a matemática dos Karajá, apresentada por Paul Ehrenreich; a condição da mulher, considerada por Varnhagen escrava na sociedade indígena, que Capistrano refuta com base nos dados da condição feminina entre os Bacairi, demonstrados por Von den Steinen.

Dizíamos que a presença indistigável da população indígena na vida colonial brasileira era algo mais difícil de ser enquadrado nos esquemas teóricos de Varnhagen — e justamente aí sua *História Geral* adquire grandeza e a leitura empolga. A parte do livro dedicada ao Nordeste é toda anotada por Capistrano de Abreu: a chegada de Martim Afonso à costa de Salvador, vindo de Pernambuco; seu encontro com o náufrago Diogo Álvares, que em terra vivera entre os índios os 22 anos anteriores, e que aí tinha muitos filhos com a índia Paraguaçu. Varnhagen conta uma batalha naval entre os índios da costa — onde depois se assentou a cidade de Salvador — e os da ilha de Itaparica. O combate dura do meio dia ao sol posto "os da armada européia conservaram-se impassíveis espectadores dessa nauumaquia entretópica (...) muitos dos feridos caíram prisioneiros; e com estes praticaram os vencedores o costumeado uso de os matarem, com grandes cerimônias, e de lhe tragem depois — oh, asqueroso horror! — as carnes".

Neste mesmo tom virão comentadas outras instituições bárbaras — a couvade, a guerra, a exogamia. Em nome da fidelidade aos fatos, o índio acaba por participar de toda a primeira parte do texto, em situações bem mais complexas do que as previstas por Varnhagen nos esquemas que formulou sobre os bárbaros: nas instituições coloniais como as bandeiras paulistas, nas confederações indígenas mobilizadas na expulsão dos franceses e holandeses, nas guerras intertribais administradas pelo colono português, algumas vezes a serviço da Coroa.

"Se todos os anos tivesse um índio para me ocupar..."

O primeiro trabalho de Capistrano de Abreu na área da etnografia foi a tradução de parte do livro de Karl von den Steinen, *Através do Brasil Central* (o original saiu em 1886, publicado no Brasil em 1888). Traduz três trabalhos

de Paul Ehrenreich: *Divisão e distribuição das tribos indígenas do Brasil segundo o estado atual dos nossos conhecimentos*, em 1891 para o *Jornal do Comércio*, *A etnografia da América do Sul no início do século XX*, de 1906, para a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, XI e *A Etnografia Selvagem*, publicado no Almanaque Brasileiro Garnier, 1907.

Entre 1892 e 1894 estuda a língua Bacairi, publicando apenas parte dos resultados. Mais de quatrocentas páginas de estudos sobre a língua e a cultura Bacairi permanecem inéditas<sup>10</sup>, sem notícias de seu paradeiro. Depois de uma convivência de dois anos com um Bacairi, que mora em sua casa, Capistrano se considerava falante da língua, da qual havia recolhido uma grande coleção de textos originais “como nenhuma língua do Brasil apresenta” (J. Honório Rodrigues, 1977/I:135). A época de estudos Bacairi coincide com projetos de viagens ao Amazonas para o estudo da língua dos Apicás do Tocantins e os Crixanás do rio Negro (Ibidem). Capistrano se engajava, assim, no projeto da etnologia de sua época de localização e domínio das línguas Caribe, iniciado com as descobertas linguísticas dos alemães no rio Xingu.

Em 1895 é admitido como membro correspondente da “Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte”, o que considerava um dos seus maiores títulos (J. H. Rodrigues, 1970:189).

De 1908 a 1910 publica *Rã-Txa hu-ni-kuí*, trabalhando com dois informantes Kaxinawá. Projetava estudar a língua e a cultura Xavante em 1927, ano de sua morte.

Uma frase do historiador ameaçava no início do século XX aqueles que aguardavam a prometida História do Brasil definitiva, abrangente (... ela viria até o século XIX), erudita, como só Capistrano de Abreu poderia produzir, mais que nunca o fará: “Se todos os anos tivesse um índio para me ocupar, daria de mãos às labutas históricas”<sup>11</sup>.

Vimos, portanto, que o interesse de nosso autor pela etnografia seguiu sempre paralelo à pesquisa histórica<sup>12</sup>, funcionando — na vida e na obra — como uma espécie de refúgio inatingível contra as intempéries da história. Importante lembrar o alcance de seus trabalhos etnográficos, que extrapolam os limites da história e da antropologia. Os mitos contados por Tuxini e Borô, informantes de Capistrano de Abreu da cosmologia Kaxinawá, somados à etnografia de Koch-Grumberg, são matéria-prima para Mário de Andrade compor *Macunaíma* e outros textos fundamentais do modernismo literário brasileiro<sup>13</sup>. Passemos à história colonial de Capistrano de Abreu.

“Podemos começar pela Capitania de São Vicente...”

O encontro da erudição histórica com os recursos da etnografia marca a obra madura de Capistrano em três textos: os famosos *Capítulos de História*

*Colonial*, os *Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil*, e a edição crítica da *História do Brasil* (1500-1627), de Frei Vicente do Salvador, esta última realizada em colaboração com Rodolfo Garcia, em 1918.

O que muda nesta fase? Novos temas: no caso das obras de autoria de Capistrano de Abreu, o tema do povoamento do Brasil, focalizando os séculos XVII e XVIII e espacialmente as entradas para o sertão pelas vias fluviais (do litoral para o sertão pelo Tietê, São Francisco e o Amazonas; e as vias internas pelo Madeira, Tocantins e Parnaíba). No plano da narrativa, a utilização da descrição minuciosa sobre a produção da vida nas diferentes paisagens geográficas passava a fazer parte de um estilo inovador e avança na direção da economia política.

A visão do historiador abarcava longos períodos e a imensidão territorial do Brasil. Mas não é por acaso que o belíssimo capítulo “O Sertão” começa em São Paulo, nem será sem razão que os Guaianá de Piratininga receberão tratamento privilegiado do historiador. O povoamento de São Paulo devidamente interpretado possibilitaria ao historiador demonstrar sem muita dificuldade o alcance de sua tese: a necessidade da história sertaneja, a verdadeira história “brasileira”.

No caso das outras províncias — Minas, e as do Norte, Nordeste e Sul — a síntese histórica de Capistrano de Abreu acaba seguindo a orientação dos ciclos econômicos e políticos, e a história da especificidade do povoamento perde muito de sua força.

O capítulo “Sertão” inicia com uma curiosa definição do que seriam as Bandeiras: “Bandeiras eram partidas de homens empregados em prender e escravizar o gentio indígena. O nome provém talvez do costume tupiniquim referido por Anchieta, de levantar-se uma bandeira em sinal de guerra”. Capistrano ao mesmo tempo que recorria a uma instituição indígena para definir a associação colonial que resulta nas Bandeiras, afirmava sem meias palavras a finalidade do empreendimento: a preação dos índios, e não a busca do Eldorado ou a expansão das fronteiras, como fizera até então a historiografia. Quem são esses homens em marcha? “São todos mamelucos”, já que em São Paulo não chegavam mulheres, responde Capistrano citando os jesuítas, seus grandes informantes deste capítulo sangrento do povoamento (e despovoamento...) do Sul.

Para tratar da escravidão indígena, Capistrano introduz o conceito de “economia naturalista”, tipo de empreendimento característico de bandeirantes, com aldeamentos totalmente sustentado pela mão-de-obra indígena escrava. Fernão Dias Pais, administrando aldeamentos de índios Guaná, é um exemplo desse sistema produtivo implantado no sertão brasileiro.

A história do sertão, grande contribuição de Capistrano, vai surgindo dos detalhes, dos caminhos, do aparecimento das vilas, da natureza da economia que aí se delineia. O percurso colonial do ouro até chegar ao porto de Parati,



a fundação da vila de Cunha no antigo caminho dos Guaianá; as entradas pelo sertão seguindo os caminhos de índio que ensinavam aos portugueses as passagens pela serra da Mantiqueira. A sobrevivência longe do litoral, as batalhas com os índios no rio Paraguai. Como não lembrar Sérgio Buarque de Holanda<sup>14</sup>, que na década de 1940 retoma o caminho do sertão, investigando instituições que chamou de “híbridas”, meio indígenas, meio europeias, que interpretou à luz da antropologia em voga na sua época — a teoria da aculturação.

A segurança etnográfica de Capistrano de Abreu lhe dará subsídios para enfrentar os paulistas num acalorado debate sobre a origem étnica dos índios (e de certa forma, de alguns paulistas quatrocentões) do planalto de Piratininga<sup>15</sup>. Com Cândido Mendes, Capistrano irá demonstrar que os Guaianases não eram Tupi, mas legítimos representantes dos mal-afamados povos de língua travada, os Tapuia do interior.

Em 1918 publica juntamente com Rodolfo Garcia a *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, considerado até hoje modelo de edição crítica, pela excelência da transcrição e tratamento introdutório dado ao manuscrito histórico. Na apresentação do documento o historiador revela uma situação muito particular, o Nordeste colonial, mais exatamente a Bahia vista da ótica de seus engenheiros-seicentistas, suas ordens religiosas e sua gente. A história de vida daquele que foi o primeiro historiador brasileiro é remontada em detalhes, da fantástica história do pai — um náufrago português que vem dar na costa brasileira —, às responsabilidades de Frei Vicente na administração dos empreendimentos dos capuchos.

A população indígena é um tema recorrente no livro, sobre ela Capistrano de Abreu se estende nos “Prolegômenos”. Logo nas primeiras páginas da apresentação interpreta uma imagem: “A estampa do índio reproduzida de Claude de Abbeville, indica pelas cesuras, abertas com dente de animal e cobertas de carvão para ficarem indelévels, que o tabajar Caripira já conquistara vinte e quatro nomes, matando outros tantos inimigos em terreiro” (p. 21). As instituições indígenas ganhavam, assim, conteúdo, assimilado na leitura de cronistas e missionários.

O trabalho de Frei Vicente entre os índios da Paraíba parecia sugestivo para Capistrano pensar as condições básicas para a implantação e sucesso da missão católica. Tendo como referência a bibliografia jesuítica e os resultados do trabalhos dos primeiros missionários da Companhia de Jesus, o historiador se perguntava sobre as habilidades fundamentais exigidas de um missionário. O domínio da língua seria a primeira delas: “Para missionar era indispensável conhecer a língua geral, mas neste conhecimento havia gradações, como escreve o mestre José de Anchieta...” Havia os que sabiam o suficiente para pregar, ensinar a doutrina e ensinar a língua; outros jamais aprenderam as línguas dos índios (p. 23). “Não parece que

Frei Vicente atingisse a mestria de Gregório Serrão...” O que traduz da língua geral é superficial e seu vocabulário da língua brasileira é pequeno, diz Capistrano.

A segunda das habilidades a se esperar do missionário seria compreender a organização social dos grupos. Quanto a isso, Frei Vicente não chegava a se diferenciar da média: “As informações sobre o parentesco representam um vademécum dos missionários, empenhados em saber dos casamentos lícitos e ilícitos por consanguinidade. Parece, entretanto, ter apanhado bem a índole do gentio”.

O ensaio introdutório de Capistrano de Abreu buscava, assim, completar as informações sonegadas pelo religioso. Nesse sentido, organizou um quadro do estado da arte da lingüística indígena, anotando os grupos principais conhecidos até aquele momento. Lembrou dos que falam a língua travada, diferente da geral, e da diversidade dos falares tapuios (usando para tanto os estudos de von Martius, K. von den Steinen, Lucien Adam, Paul Ehrenreich, Raoul de la Grasserie, P. Rivet, R. Schuller). Apontava a necessidade de atualização dos estudos realizados há mais de treze anos por Paul Ehrenreich.

O objetivo da etnologia e da lingüística indígena nesse momento seria determinar a distribuição geográfica da população indígena e traçar os movimentos de migração. “Só depois desse trabalho (de revisão) para o qual muito não de contribuir os escritos de antigos missionários acaso escondidos nas bibliotecas e nos arquivos dos dois mundos, será possível determinar a distribuição geográfica, distinguir as migrações pré-colombianas e iniciar sua cronologia.”

Seu programa para os estudos etnográficos, lingüísticos e geográficos das populações indígenas convergia dessa forma para as diretrizes do difusionismo de Franz Boas, com quem Capistrano de Abreu se corresponde: captar a diversidade das culturas por meio da lingüística; com a ajuda da documentação histórica, traçar as rotas migratórias dos povos, construir, afinal, uma cronologia.

## Conclusão

Procurei mostrar que a obra historiográfica de Capistrano de Abreu apresenta uma interpretação da complexidade da formação social do Brasil, e que este movimento se dá por intermédio do domínio que o historiador apresentava, já no final do século XIX, das teorias da antropologia e da sociologia alemã da sua época.

“Punge-me sempre e sempre a dúvida: o brasileiro é povo em formação ou em dissolução? Vale a pena ocupar-se de um povo dissoluto?” Esta frase de 1908, pinçada na correspondência do historiador a Guilherme Studart e

outras vezes repetida (J. Honório Rodrigues 1977), levanta algumas questões que valeriam a pena retomar na obra de Capistrano de Abreu. Em primeiro lugar, a idéia do povo na juventude ou na decrepitude, que nos remete ao campo do evolucionismo. Aí o historiador encontrou um conjunto de idéias organizadas a respeito das manifestações da vida social. Os etnógrafos de seu tempo — von den Steinen, Ehrenreich — iriam para campo conferir teses do evolucionismo, localizar o estágio de desenvolvimento em que se encontravam os nativos da América, coletar objetos da cultura material daqueles povos que corresponderiam ao estágio mais primitivo da vida social.

A crítica à visão etnocêntrica da etnologia alemã que atuou no final do século XIX com as populações das terras baixas sul-americanas tem encontrado as consideráveis conquistas desta primeira geração de estudos especificamente etnológicos no Brasil.

Estas se deram especialmente no campo da lingüística: os trabalhos de campo e os estudos intensivos das gramáticas indígenas realizados pelo grupo de von den Steinen, Ehreireich e Capistrano modernizaram o quadro das línguas indígenas formulado de maneira insatisfatória por von Martius. O domínio da língua dando acesso às concepções de vida dos povos etnografados impulsionará a etnologia em busca de novas motivações teóricas. O domínio da língua, no entanto — que na exploração do Xingu se aplicava com exclusividade ao Caribe, falado pelos Bacairi — possibilitava o acesso à mitologia de um povo.

Retomando a frase acima, restaria concluir que Capistrano de Abreu fala em *povo brasileiro* como se falasse do passado e do destino de um povo que é, entre outras coisas, índio. Capistrano assumiu a tarefa de compreender a especificidade do caso brasileiro tomado em sua complexidade social e histórica. Para isso mobilizou a teoria social de sua época, reproduzindo o indefectível questionamento sobre os estágios de civilização. Paradigmas teóricos à parte, o conjunto de seu trabalho nos leva a pensar que obteve grandes resultados nessa empreitada. Sua obra mantém o vigor e permanece fonte de indicações sugestivas para os que buscam as diferentes identidades do Brasil.

### Cronologia dos textos de Capistrano de Abreu utilizados

1881-1887. Fase de organização, edição e atribuição de autoria de documentos localizados em arquivos (Fernão Cardim, Frei Vicente do Salvador, José de Anchieta e Manuel da Nóbrega).

1886-1887. Publica a coleção de documentos "Materiais e Achegas".

1888. Traduz de Karl von den Steinen *Através do Brasil Central*, parte inicial (o original é de 1886).

1891. Traduz para o *Journal do Comércio* o trabalho de Paul Ehrenreich *Divisão e Distribuição das Tribos Indígenas do Brasil...*

1896. *Os Bacairis na Revista Brasileira* e em *Ensaio e Estudos*, vol. III.

1899-1924. *Os Caminhos Antigos e o Povoamento do Brasil*. Publicado originalmente no *Journal do Comércio* e versão ampliada em *América Brasileira*.

1900-1907. Trabalha na edição anotada da *História Geral do Brasil*, de Francisco Adolfo de Varnhagen.

1906. Traduz *A Etnografia da América do Sul no Início do Século XX*, de Paul Ehrenreich (de 1905).

1907. *Capítulos da História Colonial*.

1910. (Edição destruída por um incêndio.)

1914-1941. *Rã-txa hu-ní-ku-í. A Língua dos Caxinauás do rio Iouaqu, Afluente do Muru*.

1918 [1627]. Edição crítica da *História do Brasil 1500-1627*, de Frei Vicente do Salvador. Nota Preliminar e Prolegômenos de Capistrano de Abreu.

### Notas

- 1 A propósito, ver M. R. Amoroso & O. S. Calávia (1995:235-56) onde procuramos localizar o sentido do indianismo literário em diferentes movimentos que se firmaram no Brasil a partir do Arcadismo, apontando alguns casos em que o tema do indianismo encontra correspondência na historiografia.
- 2 Sobre a influência germânica na formação intelectual de Capistrano, ver J. H. Rodrigues, 1970:175-90.
- 3 Para uma análise das instituições e da produção científica no século XIX, ver Lília K. M. Schwarcz, 1993.
- 4 A crítica literária tem interpretado o índio do Romantismo como uma construção intelectual ditada pelas regras européias, em que o selvagem americano ocupava o lugar do nobre guerreiro medieval, dele adquirindo o perfil. Sobre o tema do indianismo no Romantismo, ver Bosi, Alfredo (1978) *Imagens do romantismo no Brasil*, em J. Ginsburg (org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, p. 239-56 e (1992) *Um mito sacrificial: o indianismo de Alencar, em Dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras.
- 5 Comentando a passagem em que Capistrano de Abreu afirma que o Indianismo "reflete a profunda tendência popular, manifesta no folclore, de identificar o índio aos sentimentos nativistas", diz Cândido: "Parece, ao contrário, que tal identificação provém de fonte erudita, a utilização nativista do índio é que se projetou na consciência popular". (1971, vol. II, p. 18).
- 6 José Honório Rodrigues (1952) nos conta a história de "Materiais e achegas para a história e geografia do Brasil", série documental projetada por Capistrano de Abreu e publicada a partir de abril de 1886, no *Diário Oficial*. O primeiro número da série são as *Informações e fragmentos históricos do Padre Joseph de Anchieta*. Depois viriam uma coleção de cartas de Nóbrega, publicada em novembro, as "Cartas avulsas" dos jesuítas e partes da "História do Brasil" de Frei Vicente do Salvador, ambas em dezembro de 1887. O projeto se completaria com duas indicações sugeridas pelo imperador: o manuscrito de Manuel dos

sem passar pela maturidade. Assim como não havia grandes mamíferos na América, assim também seus habitantes eram fracos, sem vitalidade e sem porvir" (1989:2). Estas idéias, segundo Carneiro da Cunha, serão substituídas pelo evolucionismo. Da mesma autora, ver também 1992:11.

<sup>10</sup> Comentando a edição do livro de Steinen sobre os Bacairi, Capistrano refere-se à sua pesquisa: "O material que tenho colhido [sobre os Bacairi] é abundantíssimo. No original alemão há 4 lendas apenas, eu dou mais de 30, Steinen dispõe de mais de 1.000 frases; eu creio ter mais de seis mil e ainda continuo". Carta ao Barão de Rio Branco, Correspondência 1-134.

<sup>11</sup> Carta a Studart, de 19 de setembro de 1909, citada por J. Honório Rodrigues, 1982.

<sup>12</sup> A propósito, ver o texto de Óscar S. Calábria sobre o modelo de trabalho etnográfico desenvolvido pelo historiador (M. R. Amoroso & O. S. Calábria 1995).

<sup>13</sup> Outro texto de Mário de Andrade inspirado na obra de Capistrano seria "Lenda do Céu" (cf. Lopez, Teiê Porto Ancona (1972) *Mário de Andrade — ramos e caminhos*. São Paulo: Duas Cidades e (1974) *Macumãina: a margem e o texto*. São Paulo: Hucitec.

<sup>14</sup> Sérgio Buarque de Holanda dedicou o planalto e à mobilidade do colono de São Paulo e São Vicente constituição da sociedade do planalto pelos menos cinco de seus trabalhos ao tema da pelos caminhos naturais. O primeiro deles é *Montões*, de 1945, seguido por "Índios e Mamelucos na Expansão Paulista", de 1949 e *Caminhos e fronteiras*, de 1957. Em uma segunda fase de sua produção temos *Extremo-Oeste*, de 1982, e a segunda versão de *Montões*, de 1989, ambos trabalhos póstumos.

<sup>15</sup> Ver a propósito John Monteiro, 1992:125-35. O texto de Capistrano "Os Guaiuanases de Piratininga" se encontra em *Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*.

## Bibliografia

- ABREU, João Capistrano de (1931) *Ensaio e estudos* (1). Rio de Janeiro: Briguiet.  
 — (1932) *Ensaio e estudos* (2). Rio de Janeiro: Briguiet.  
 — (1976) *Ensaio e estudos* (3). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.  
 — (1982) [primeira edição, 1907] *Capítulos da história colonial* e [primeira edição, 1930] *Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.  
 Amoroso, Marta Rosa & CALÁBRIA, Óscar S. (1995) *Filhos do Norte: o Indianismo em Gonçalves Dias e Capistrano de Abreu*, em LOPES DA SILVA, Aracy & GRUPIONI, L. D. *A temática indígena na escola*. São Paulo: MEC/MARII/Unesco.  
 ARAÚJO, Ricardo Benzaquem de (1988) Narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu, em *Estudos Históricos*, 1:28-54. Rio de Janeiro.  
 CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (1989) Introdução, em *Revista de Antropologia*, 30, 31 e 32. São Paulo: FFLCH/USP.  
 — (1992) Introdução a uma história indígena, em *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras-SMC-Fapesp.  
 CÂNDIDO, Antônio (1969) *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 2 vols. São Paulo: Martins.  
 MONTEIRO, John M. (1992) Tupis, Tapuias e a história de São Paulo. *Novos Estudos Cebrap*, 34:125-35.  
 RODRIGUES, José Honório (1952) Alfredo do Valle Cabral 1851-1894. *Anais da Biblioteca Nacional*, 73.  
 — (1970) Capistrano de Abreu e a Alemanha, em *História e historiografia*. Petrópolis: Vozes, p. 175-90.  
 — (org. e prefácio) (1997) *Correspondência de Capistrano de Abreu*. Vols. I, II e III. Rio de Janeiro-Brasília: Civilização Brasileira-INL.

Santos sobre a Guerra dos Mascates e o livro sobre a Missão de Frei Martin de Nantes, obra rara, agora reimpressa. Muitos outros documentos figuravam nos planos da coleção. Capistrano estava empenhado em publicar nesta época a obra de Andreoni e a *Crônica dos jesuítas do Estado do Maranhão*, do Padre Betendorf. Para realizar parte do plano o grupo lutou com todo o tipo de dificuldades, entre elas as fortes divergências internas na Biblioteca Nacional, que inviabilizaram a utilização dos manuscritos de seu acervo. São então encomendadas cópias diretamente dos arquivos europeus, com o inevitável acréscimo de despesas pagas por Capistrano e Vale Cabral com seus próprios salários. No contexto historiográfico da época *Materiais e adagas* representam uma revolução no método de tratamento dos documentos e o marco inaugural da moderna edição crítica. Atendia a necessidade, sentida por todo o grupo ligado à Exposição de História, de renovação da historiografia brasileira com a publicação de material inédito. O alcance do método de edição crítica dos documentos aqui anunciado pode ser observado em toda a sua extensão na edição posterior da *História do Brasil*, de Frei Vicente Salvador, organizada por Capistrano de Abreu.

<sup>7</sup> A história do povoamento do Brasil, segundo o autor, poderia ser pensada em seis momentos distintos:

1. 1500-1614: ocupação do litoral; indígenas dificultam o acesso ao interior; invasões francesas e holandesas exigem a permanência do colono português no litoral. Europeus entram em contato com a imensa população de índios Tupinambá que habitavam toda faixa litorânea do Brasil.

2. 1614-1700: o litoral está povoado (exceto o sul e o norte do Amazonas). Começa a interiorização do povoamento pelos rios. Parte de Belém a expedição de Pedro Teixeira que percorre o Amazonas. De São Paulo de Piratininga, pelo rio Tietê, o colono atinge o Paratiba, a serra da Mantiqueira. Seguindo as trilhas e os caminhos dos índios, transpõe a serra e chega em Minas Gerais. Por Moji-Guaçu, atinge o Paraná e o Uruguai, Rio Grande e Goiás. O rio São Francisco começa a ser percorrido por paulistas e mineiros. Ciclo das bandeiras. Contato com os Tapuia de fala travada.

3. 1700-1750: ouro em Minas Gerais. Ocupação do interior: Minas Gerais, Goiás, Cuiabá, Mato Grosso. Escravidão negra cresce, e é trazida para trabalhar nas minas. Povoamento de Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Do Mato Grosso chega-se pelo rio Madeira até Belém. Desce-se o Tocantins e o Paranaíba e sobe-se o Itapicuru.  
 4. 1750-1808: consolidação do sistema colonial. "As municipalidades são anuladas. A indústria que tendia a desenvolver-se por si, é arrancada violentamente. Todas as capitais são resgatadas dos donatários. As minas declinam. Os jesuítas são expulsos teatralmente" (1931:206). A Capital é transferida para o Rio de Janeiro. Revoltas separatistas.

5. 1808-1850: decomposição do sistema colonial. Debelação das revoltas separatistas.  
 6. 1850-1889: "É o período que atravessamos, em que o vapor nos põe em comunicação pronta com a Europa e com as províncias; em que o tráfico terminou e a escravidão agoniza; em que a imprensa, já representada pelo jornal, procura de balde implantar o livro..." (p. 208). Desde 1850 começa período centralizador, imperialista, industrial. Momento da substituição da mão-de-obra escrava.

<sup>8</sup> Não estão considerados aqui os textos acadêmicos de Capistrano sobre o tema do Descobrimento do Brasil. Ver a respeito o trabalho de R. Benzaquem de Araújo (1988:28-54).

<sup>9</sup> Manuela Carneiro da Cunha aponta as influências de Varnhagen no que diz respeito à análise que formula sobre o índio americano. Estas seriam, basicamente Buffon e Comenius de Pauw, autores influentes no começo do século XIX, que viam na população aborígine da América "a decadência prematura da humanidade, frágeis habitantes de um continente onde nada podia prosperar, onde a infância se ligava diretamente à velhice,

- SCHWARCZ, Lilia K. M. (1993) *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.
- THIEME, Inge (1993) Karl von den Steinen: vida e obra, em COELHO, Vera Pentecado. *Karl von den Steinen: um século de antropologia no Xingu*. São Paulo: Edusp-Fapesp.
- VARNHAGEM, Francisco Adolfo de (1962) *História geral do Brasil*. São Paulo: Melhoramentos.
- Frei Vicente do Salvador (1954) [1918] *História do Brasil (1500-1627)*. São Paulo: Melhoramentos.